



Centro Interpretativo Amílcar Cabral

Introdução Histórica

No âmbito da comemoração dos 90 anos do nascimento de Amílcar Cabral, foi pretendida a edificação de uma estrutura efémera na sua cidade natal, Bafatá, Guiné-Bissau, que albergasse um centro de estudos dedicado ao pensamento e obra literária de um dos fundadores do Partido Africano para a Independência da Guiné e Cabo Verde (PAIGC).

A elaboração deste trabalho requer alguma compreensão sobre os antecedentes históricos que levaram ao reconhecimento de Amílcar Cabral. A Guiné-Bissau é um país situado na costa atlântica da África, sensivelmente a meia distância entre o Equador e o Trópico de Câncer, tendo sido um dos primeiros países a entrar na lista dos descobrimentos portugueses, com a chegada de Nuno Tristão em 1446. Cacheu foi a primeira cidade fundada, em 1588, e desde então um importante ponto de comércio de escravos. A fixação portuguesa dá-se apenas nas zonas costeiras, sendo o interior explorado apenas por volta do século XIX.

O império português, apesar de vasto, era um império pobre, salvo certos pontos na história. Este país em estudo, apresenta-se então como um país de escassos recursos, um ponto a ter em conta neste trabalho.



No final do século XIX, aumenta o interesse europeu por África e a corrida às colónias começa. Surgem países como a Alemanha e a Bélgica, que pouco ou nenhum poderio tinham naquele continente, no entanto com a Conferência de Berlim, convocada por Portugal, vão ganhar território, na divisão do espaço africano por diversas potências mundiais – Bélgica, França, Alemanha, Grã-Bretanha, Itália, Portugal e Espanha. O afamado mapa cor-de-rosa surge desse momento, tentando delimitar novas fronteiras no território ultramarino, com um fim embaraçoso para o rei D. Carlos e tendo sido aproveitado a favor dos republicanos, com fim à queda da monarquia.

Inicia-se na primeira república um investimento nas cidades coloniais, pois o direito histórico evocado pela nação aquando da conferência, com fim de manter o território africano, apenas se mantinha se este fosse desenvolvido e utilizado.

Nas décadas de 1950 e '60, com a libertação sucessiva de diversas colónias mundiais, surgiu uma enorme pressão internacional para a independência das possessões portuguesas. As principais cidades vão sentir a sua maior expansão, pois o Estado Novo queria mostrar ao mundo como era importante a sua presença neste território, sendo que fornecia as infraestruturas necessárias, que de outra forma não eram aqui possíveis devido aos baixos recursos locais.

Surge assim esta cidade guineense, a segunda maior deste país. Neste cenário de tentativa de desvinculação do colonizador, começam a surgir movimentos pró independência, entre eles o PAIGC – Partido Africano para a Independência da Guiné e Cabo Verde – com o seu fundador, Amílcar Cabral.

No seguimento destas revoltas alimentadas pelo apoio externo de países como os Estados Unidos ou a ex-União Soviética, Portugal vê-se obrigado a movimentar as forças armadas para África, começando assim a Guerra Colonial, de 1961 a 1975, na ideologia de um país que procurava defender aquilo que afirmava como território nacional, num conceito de pluricontinentalidade, na tentativa da independência de Angola, Moçambique, São Tomé e Príncipe e Cabo Verde. A Guiné-Bissau foi de facto o único país que proclamou a independência, apenas reconhecida por Portugal um ano depois, em 1974.

Amílcar Cabral, de mãe guineense e pai cabo-verdiano, nasce a 1924 em Conacri. Muda-se aos oito anos para Cabo Verde, onde inicia os estudos, e é formado pelo Instituto Superior de Agronomia, já em Lisboa. Regressa a Bissau como adjunto dos Serviços Agrícolas e Florestais da Guiné do Ministério do Ultramar, e apercebe-se da realidade social do país quando o percorre durante o recenseamento agrícola de 1953. Vê-se forçado a emigrar para Angola, por desentendimentos com o governador da Guiné, juntando-se ao MPLA (não sendo contudo o começo da sua actividade política). Funda em 1959 o PAIGC, juntamente com alguns colegas que teve de funcionar na capital da vizinha Guiné-Conacri, mostrando-se apenas alguns anos depois. Insurge-se numa luta armada contra Portugal pela primeira vez em 1963. É assassinado em 1973 em Conacri por dois membros do próprio partido.

(à esq.) *Exemplo de arquitectura vernacular de Bafatá, Guiné Bissau* (fotografia de Paulo Tormenta Pinto e Ana Vaz Milheiro).



Centro Interpretativo Amílcar Cabral

O conceito desde projecto prende-se na ligação entre a cidade formal (colonial) e a cidade informal. A primeira encontra-se hoje ao abandono, com inúmeros edifícios e equipamentos devolutos, esquecidos ou rejeitados pela população após a independência.

Num terreno baldio, um ligeiro vale a nascente da cidade formal que liga a um afluente do rio Geba, surge este edifício, paralelamente a um caminho pedonal já existente. Através de um ortofoto é possível entender que é uma zona de possíveis enchentes de água, aquando da época de chuvas, que dura de Junho a Outubro. Sendo este edifício integrado nas comemorações dos 90 anos do nascimento de Amílcar Cabral, em Setembro, a ideia passa pela criação de uma ponte-edifício, que permite a passagem das águas em caso de cheia.

Este pavilhão funciona em dois pisos, com o superior servindo de união entre as duas cotas altas e o inferior integrando o programa.

Não existindo industrialização neste país, as edificações tradicionais são maioritariamente construídas em terra ou tijolo, produto da maior indústria desta região, que juntamente com coberturas inclinadas, em chapa metálica ou em colmo. A madeira é igualmente um material bastante utilizado, especialmente para realização das estruturas. Este défice de metalurgia na região, faz com que a importação seja necessária, contudo não a opção mais viável, pois a pobreza aliada à instabilidade sociopolítica fazem com que corrupção seja alta e roubos de mercadoria em zona alfandegária seja um episódio frequente. Com base neste factor, optou-se pela utilização da madeira como elemento estruturante principal do projecto.

Na ideia de instalação temporária, amovível, surgiu a ideia de explorar um objecto fácil de encontrar em todo o mundo, descartável e de baixo custo – a palete de transporte de mercadoria – que em pesquisa foi encontrada uma medida standard utilizada no continente africano de 1,2 metros de largura por 1 metro de profundidade e 0,15 metros de altura (modelo ISO tipo EUR3). O edifício ganha então carácter através da união conseguida pela utilização deste elemento.

Assim os materiais utilizados seriam a madeira local para pilares e vigas, as paletes para revestimento de pavimentos e fachadas e pequenos apontamentos em metal para união de materiais.

(à esq.) Planta de localização

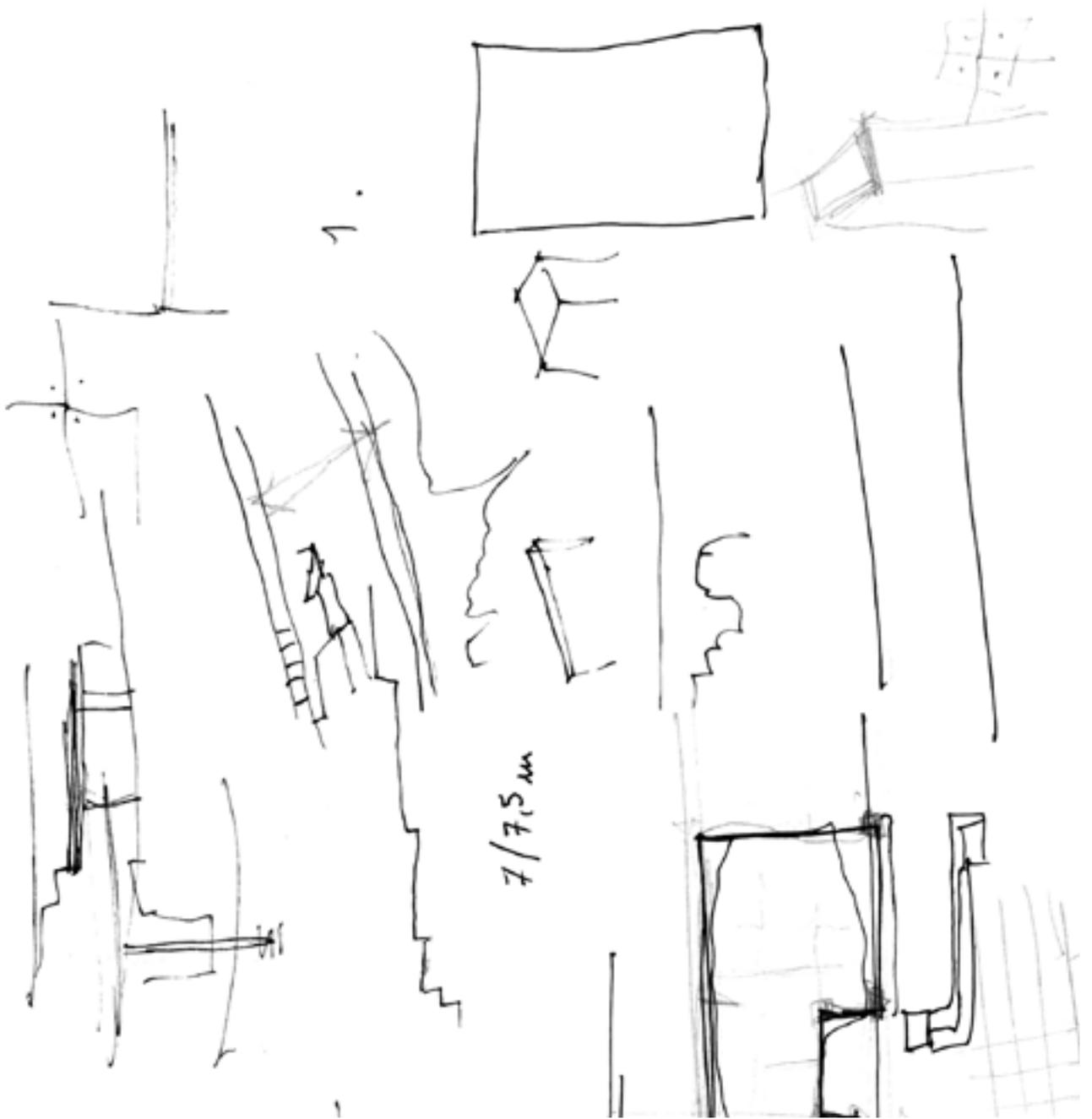


Bafatá - ponte sobre o rio Colufe, n/d.

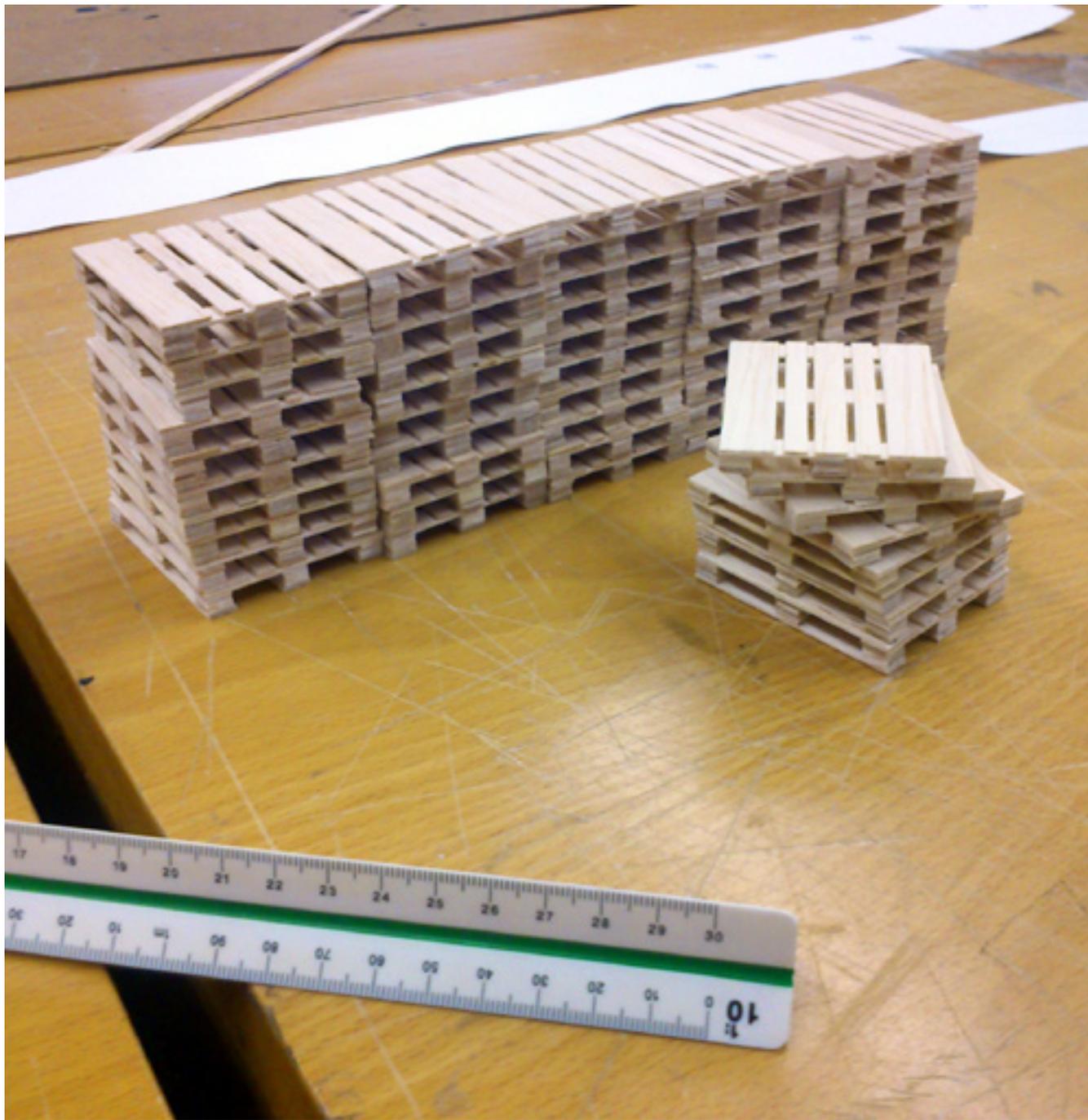


No cais do Xime, fotografia de Humberto Reis.

(à dir.) Esquissos de estudo.



7/7,5 m



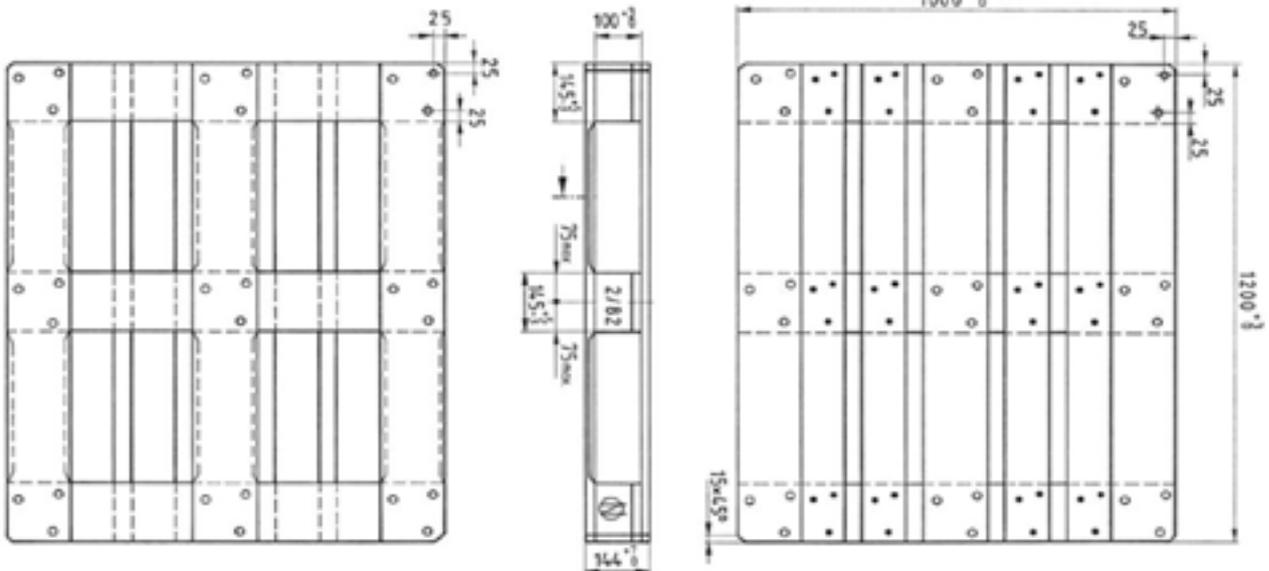
DIMENSÕES BÁSICAS DE PALETES MUITO UTILIZADAS PELO MUNDO	
REGIÃO	MEDIDAS BÁSICAS
Brasil	1.200 x 1.000 mm*
Brasil	1.050 x 1.250 mm**
América do Sul	1.200 x 1.000 mm
América do Norte	1.219 x 1.016 mm (48x40')
América do Norte	1.054 x 1.054 mm (42x42')
Ásia	1.100 x 1.100 mm
África	1.200 x 1000 mm
Europa	1.200 x 800 mm
Europa	1.200 x 1000 mm
Europa	800 x 600 mm

* Padronizada pela PBR I, com altura total de 146 mm

** Padronizada pela PBR II, com altura total de 166 mm

(à esq.) *Paletes*, fotografia das paletes para a maquete construtiva (foto do grupo).

(em cima e em baixo) Informação referente às paletes no continente africano (fonte: Gestão Industrial).





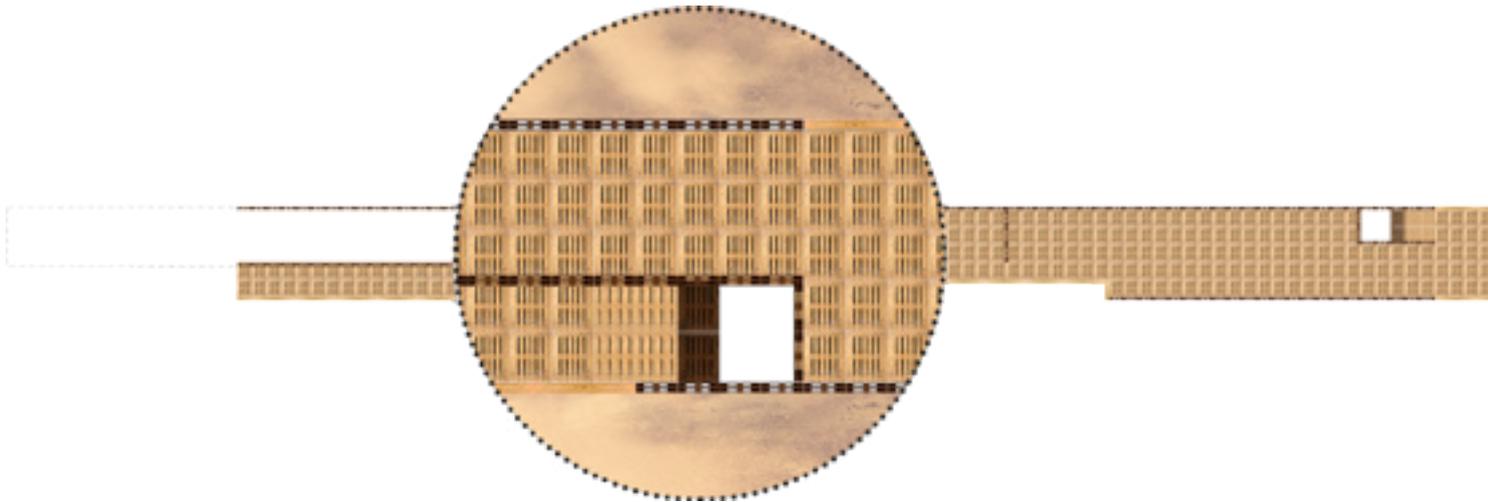


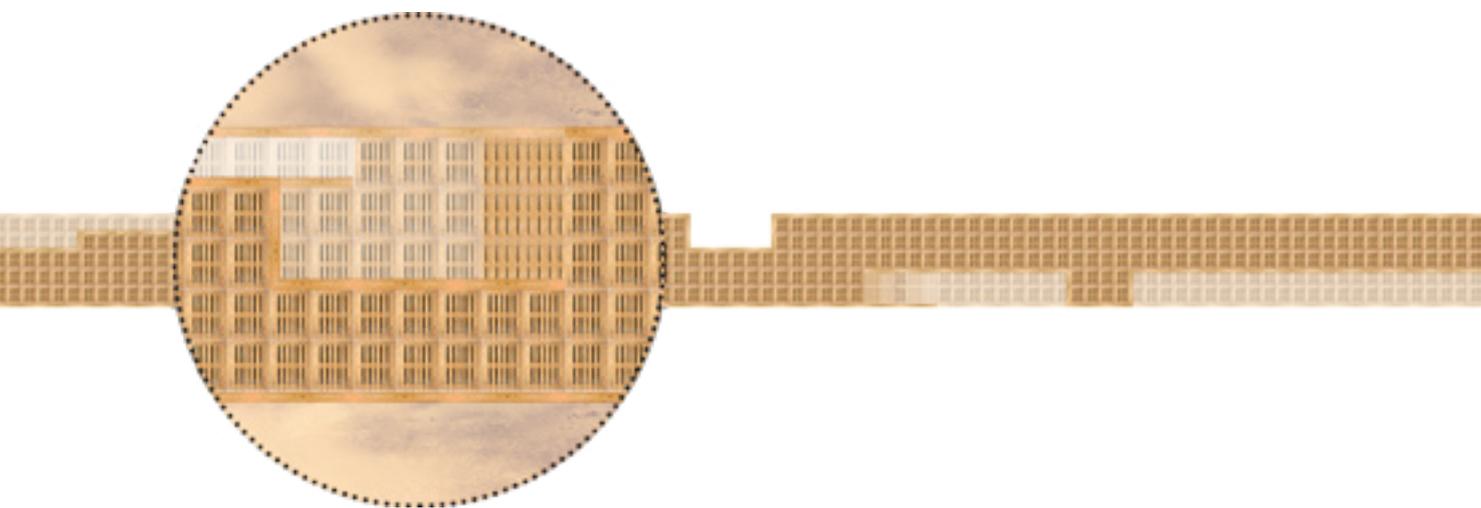
(à esq.) *Reflexo*, fotografia da maquete construtiva (foto do grupo).

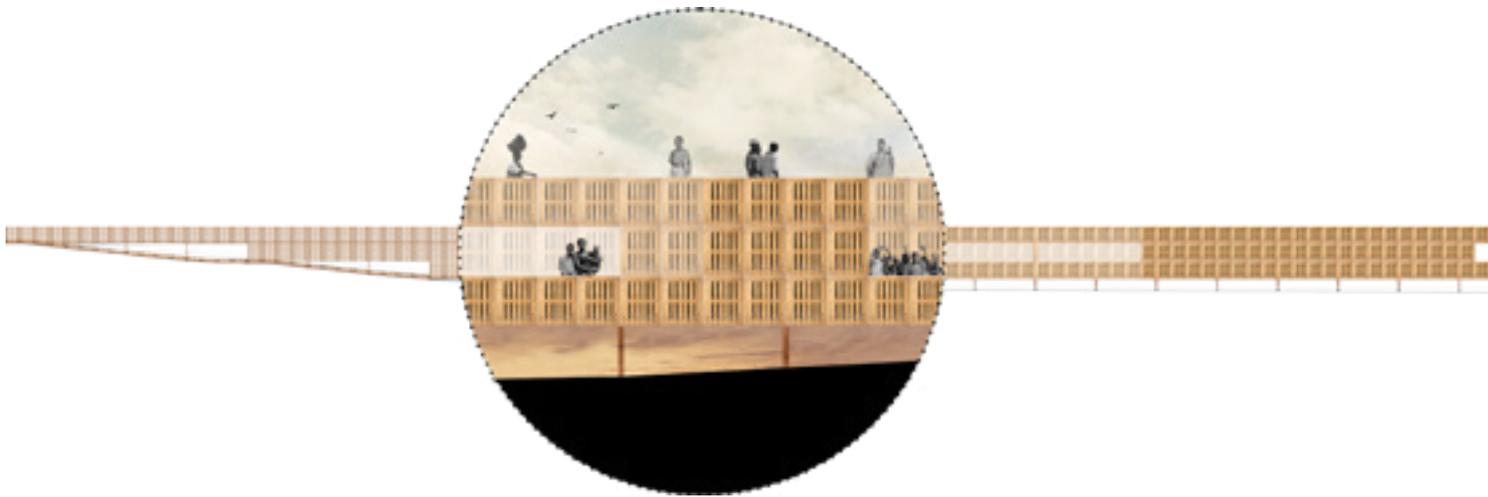
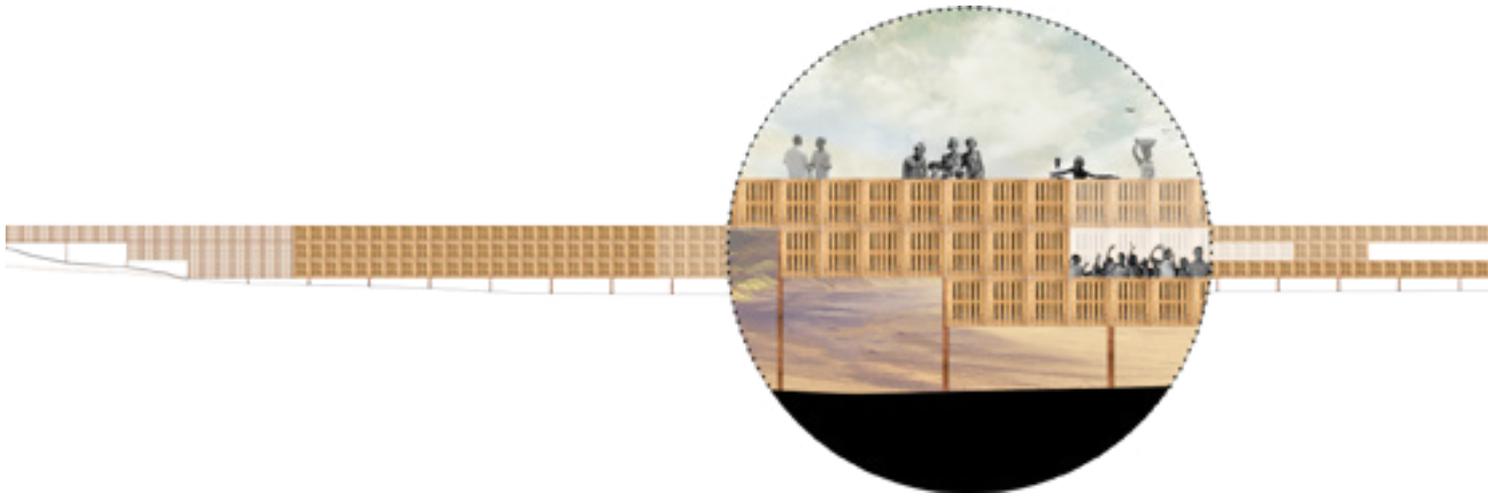
Nueva Esperanza School, de David Barragán & Pascual Gangotena em El Cabuyal, Manabí, Equador.

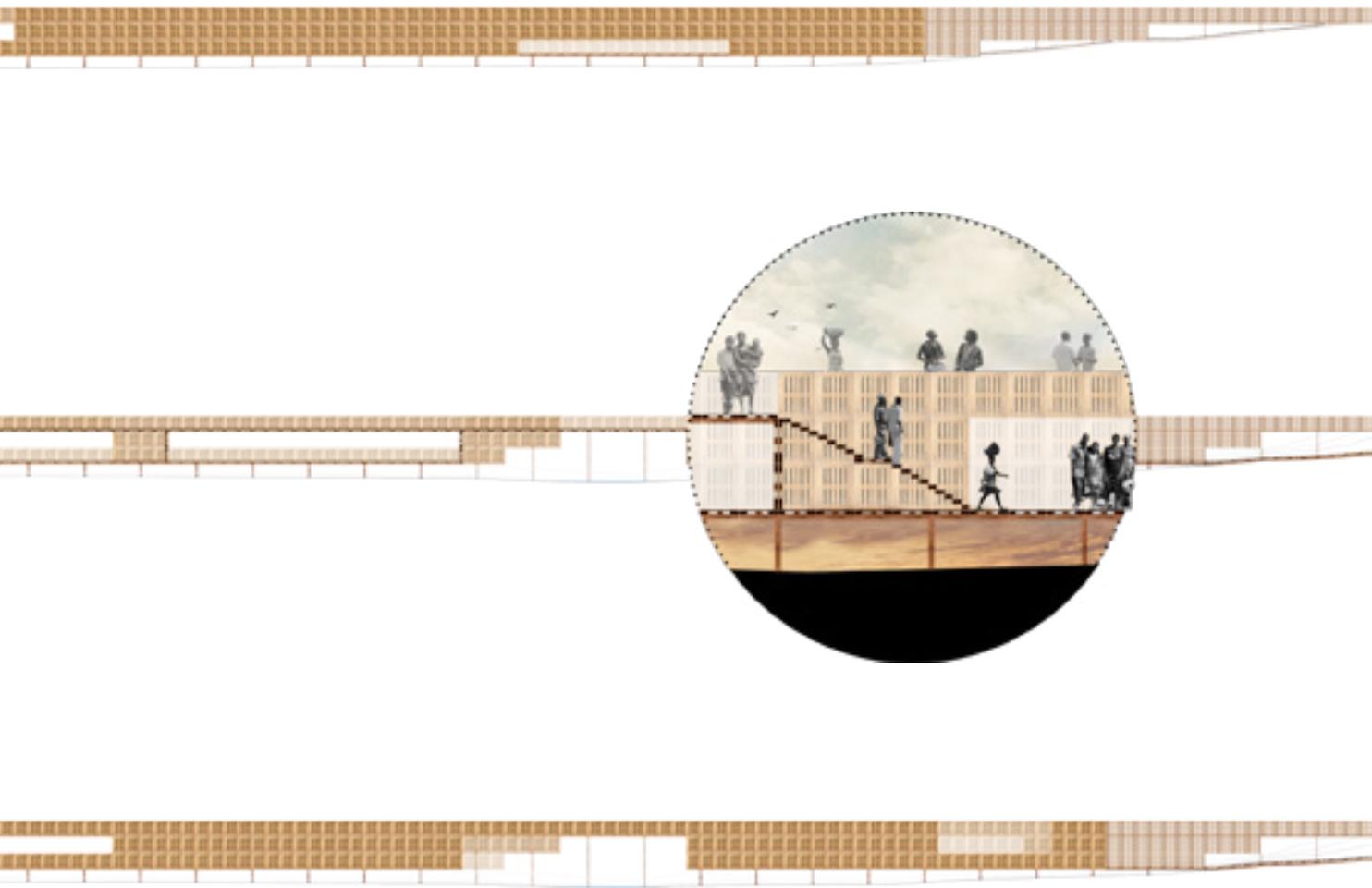


Theater of Recycled Pallets, de Denis Oudendijk e Jan Korbes em Amesterdão, Países Baixos.









(em cima) Alçado.

(centro) Corte.

(em baixo) Alçado.



recepção > 35 m²

centro de formação > 105 m²

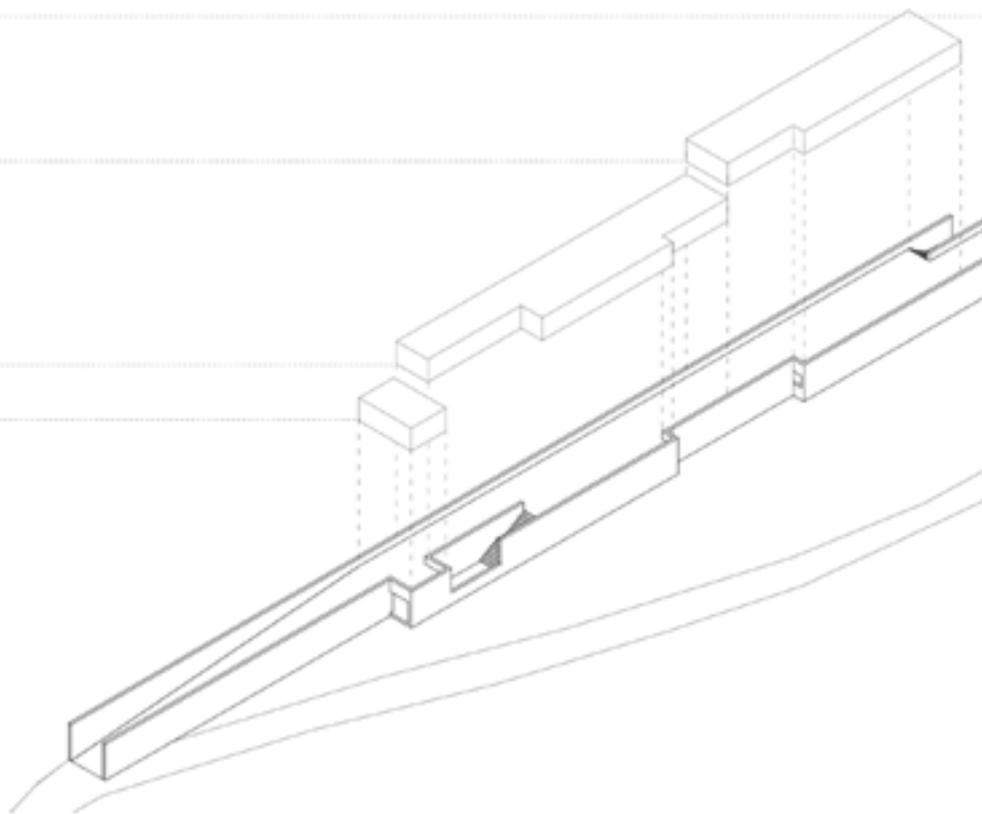
auditório > 115 m²

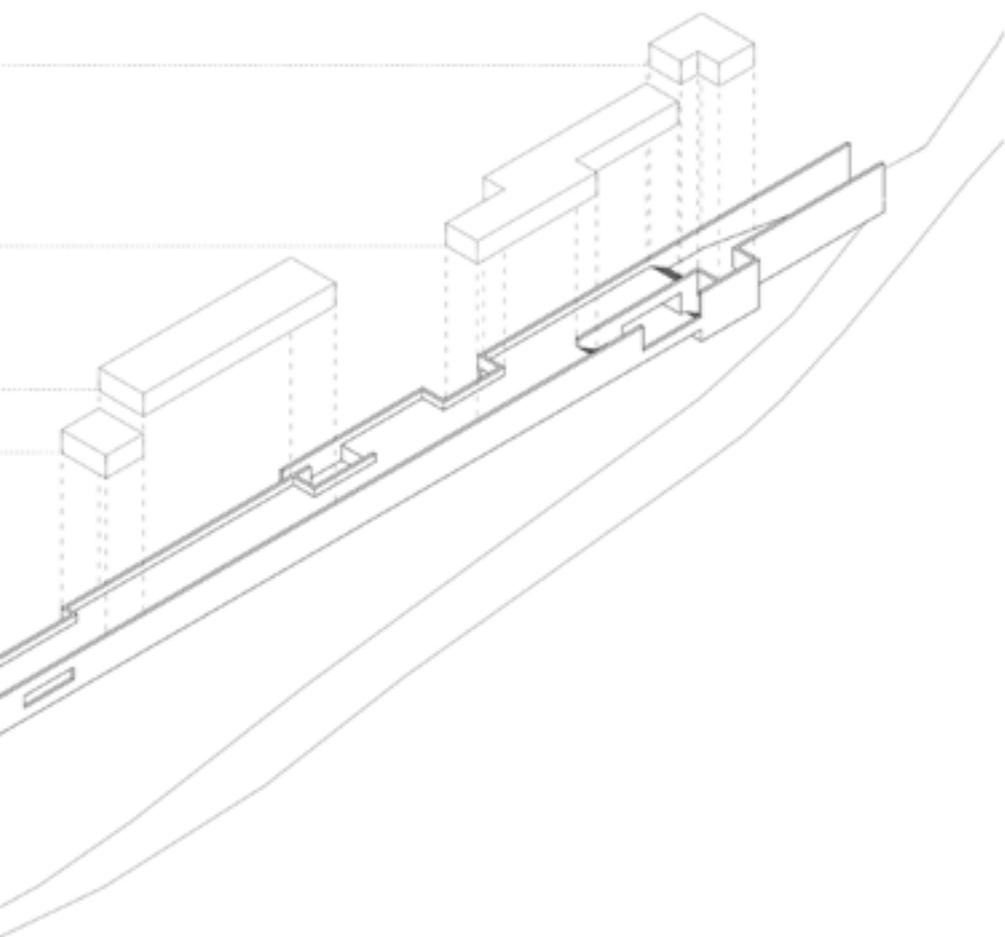
instalações sanitárias > 18 m²

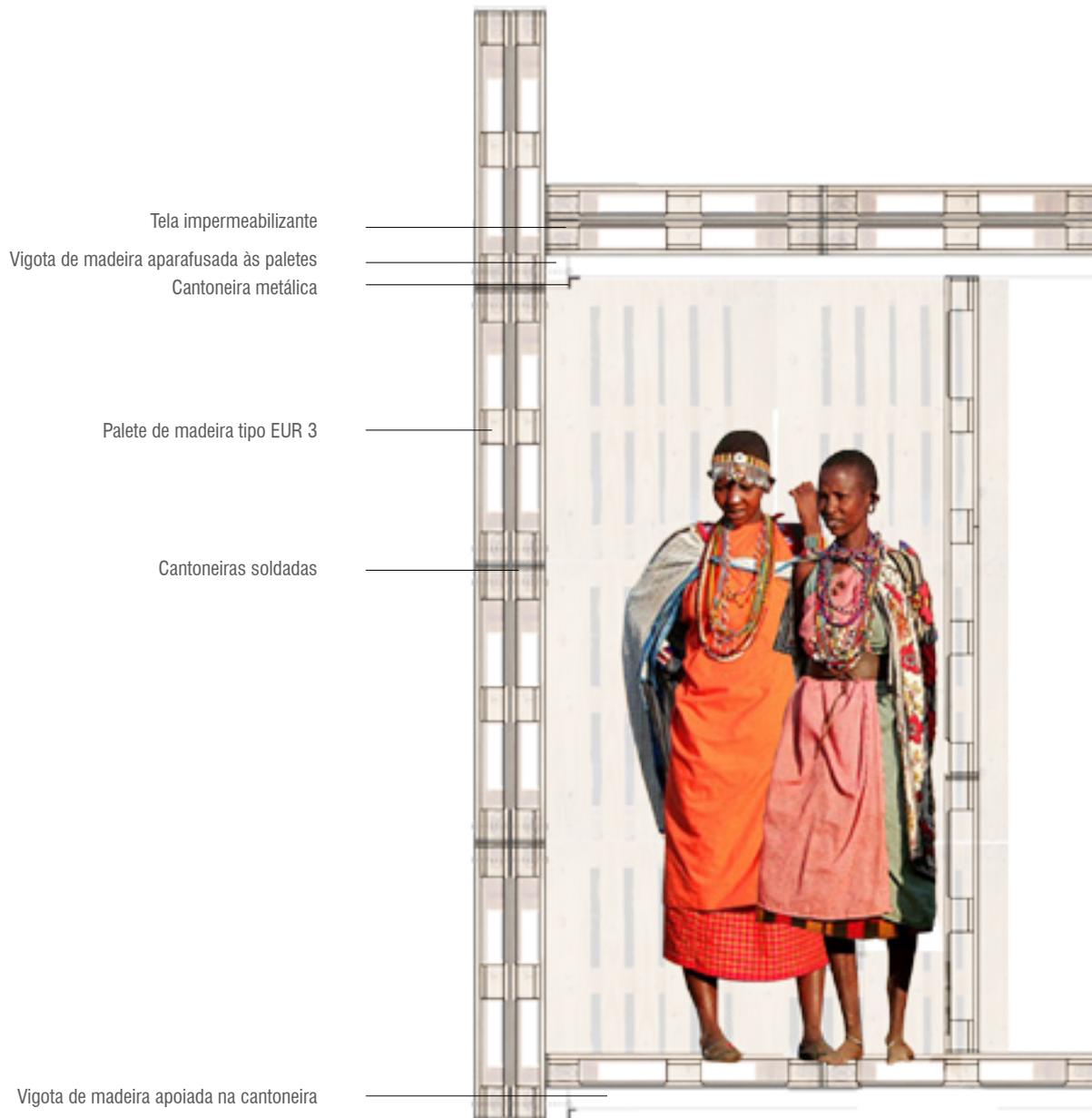
centro de pesquisa > 165 m²

arquivo > 155 m²

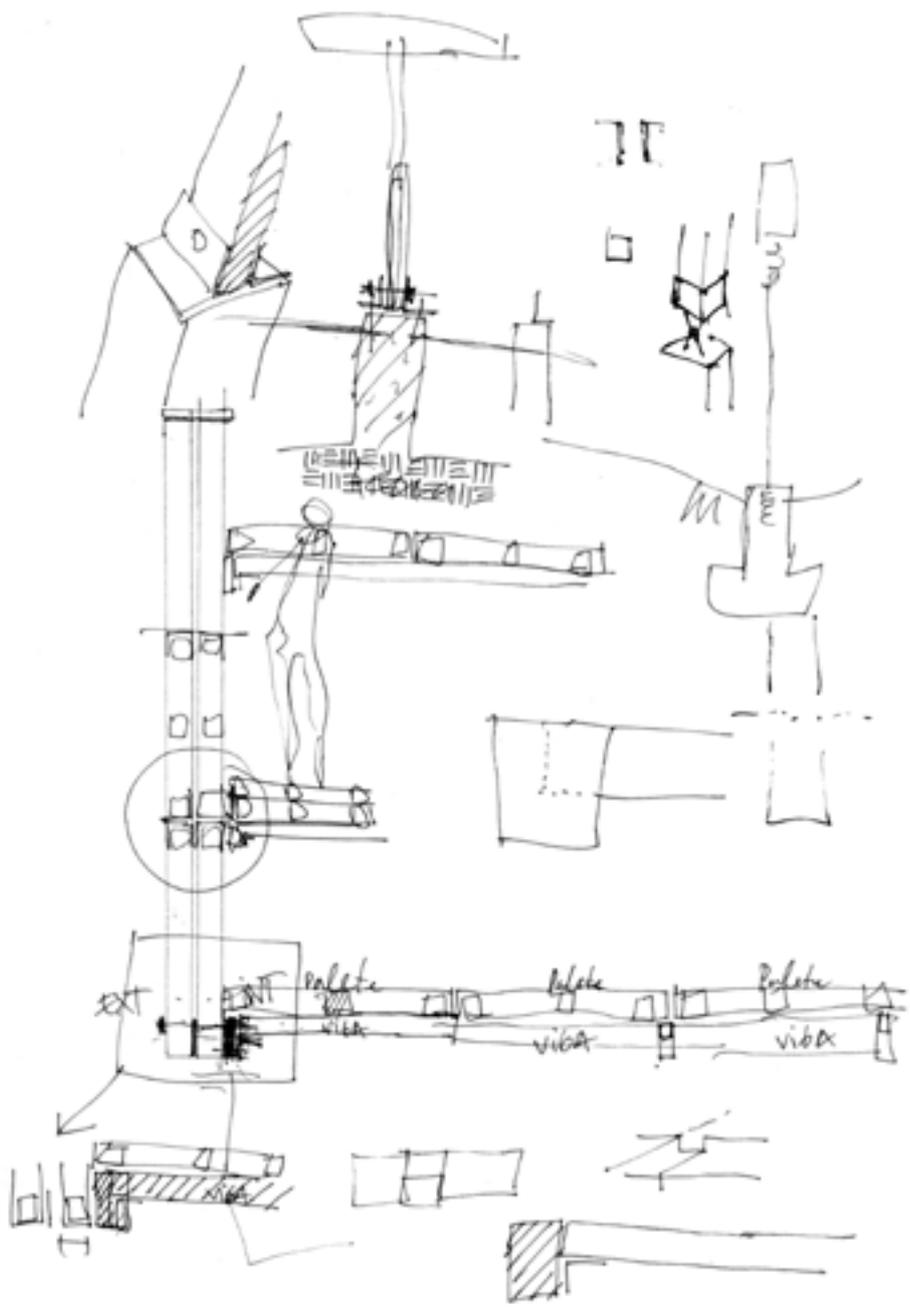
loja > 25 m²



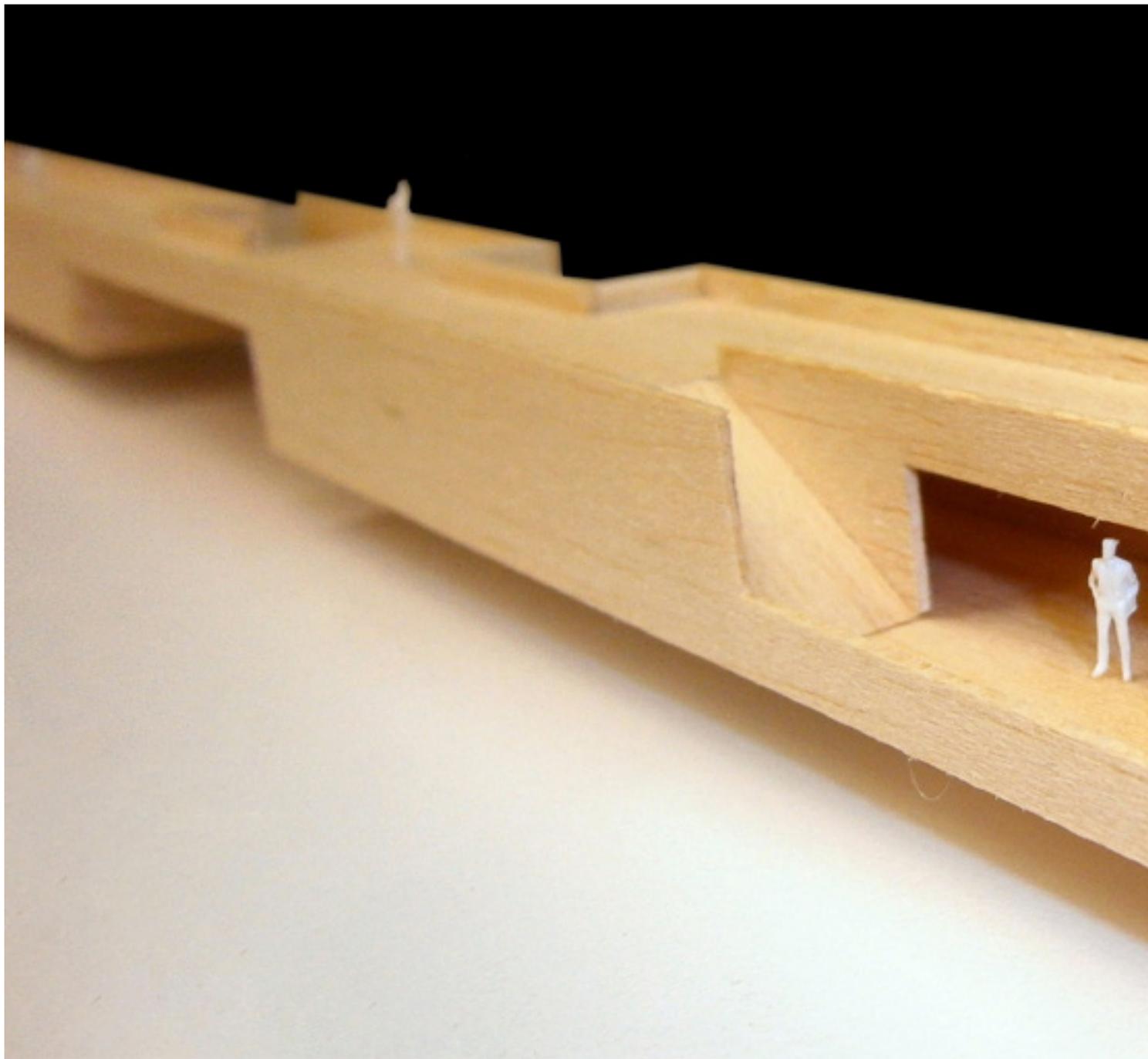


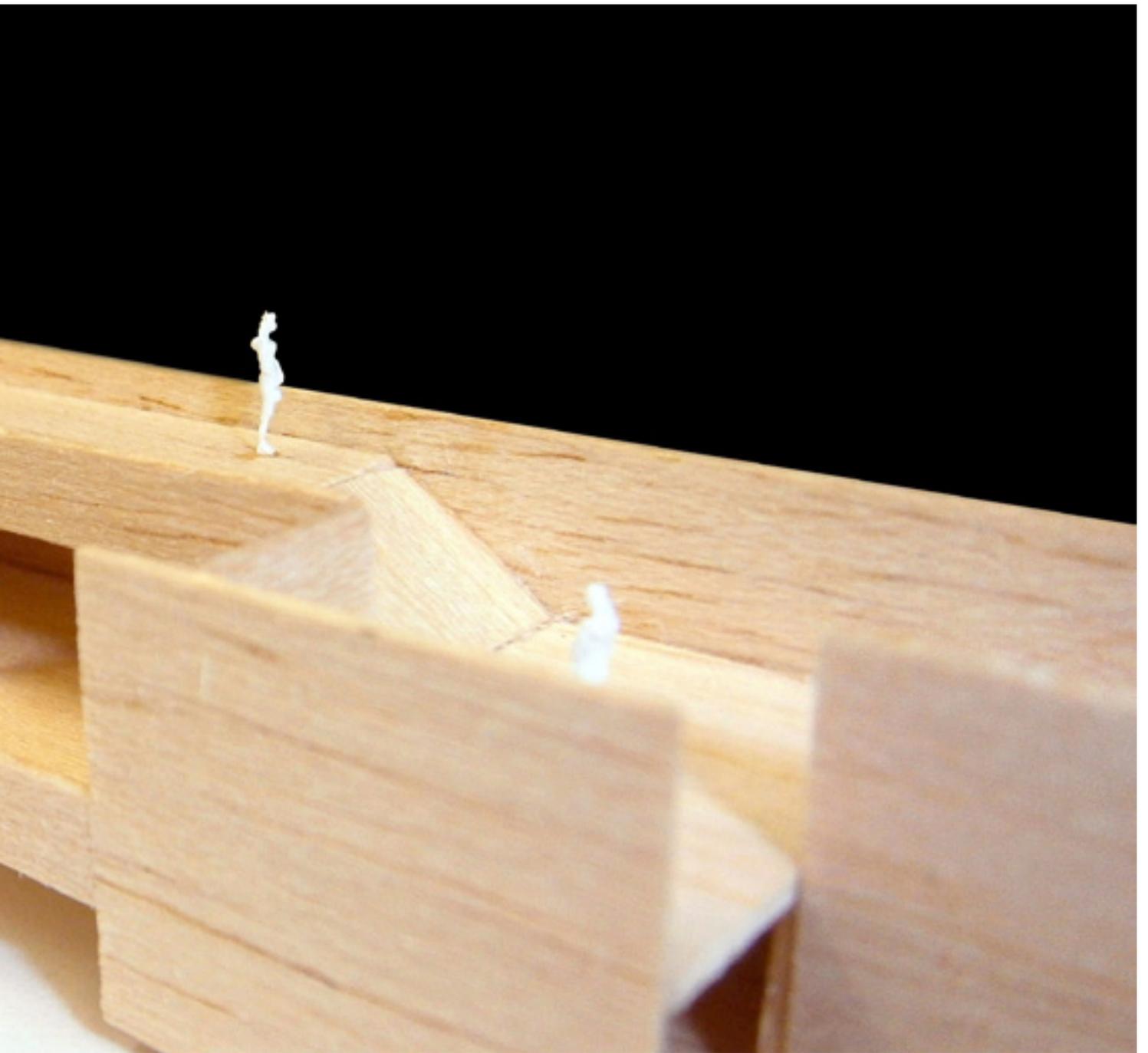


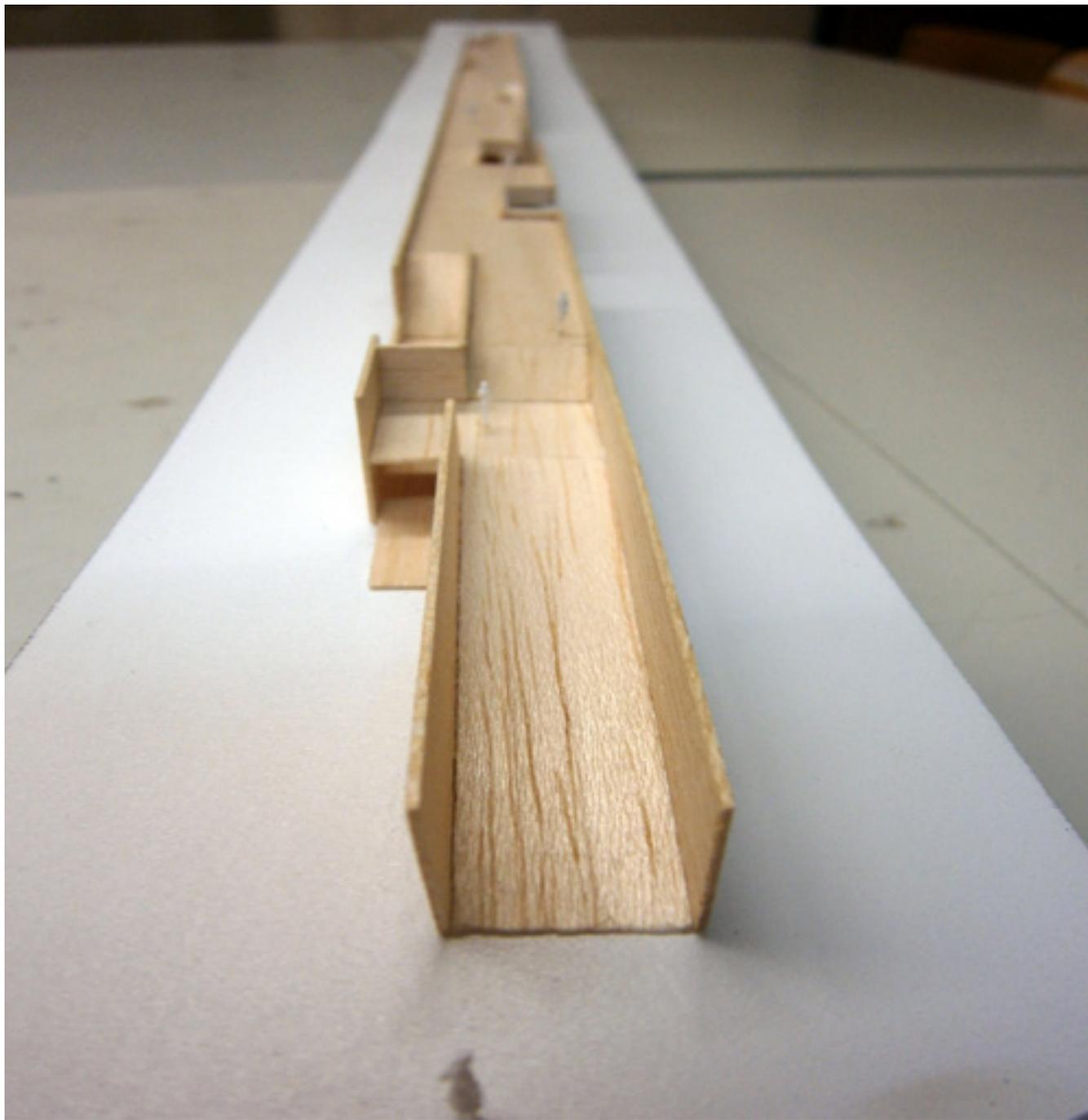
Corte construtivo

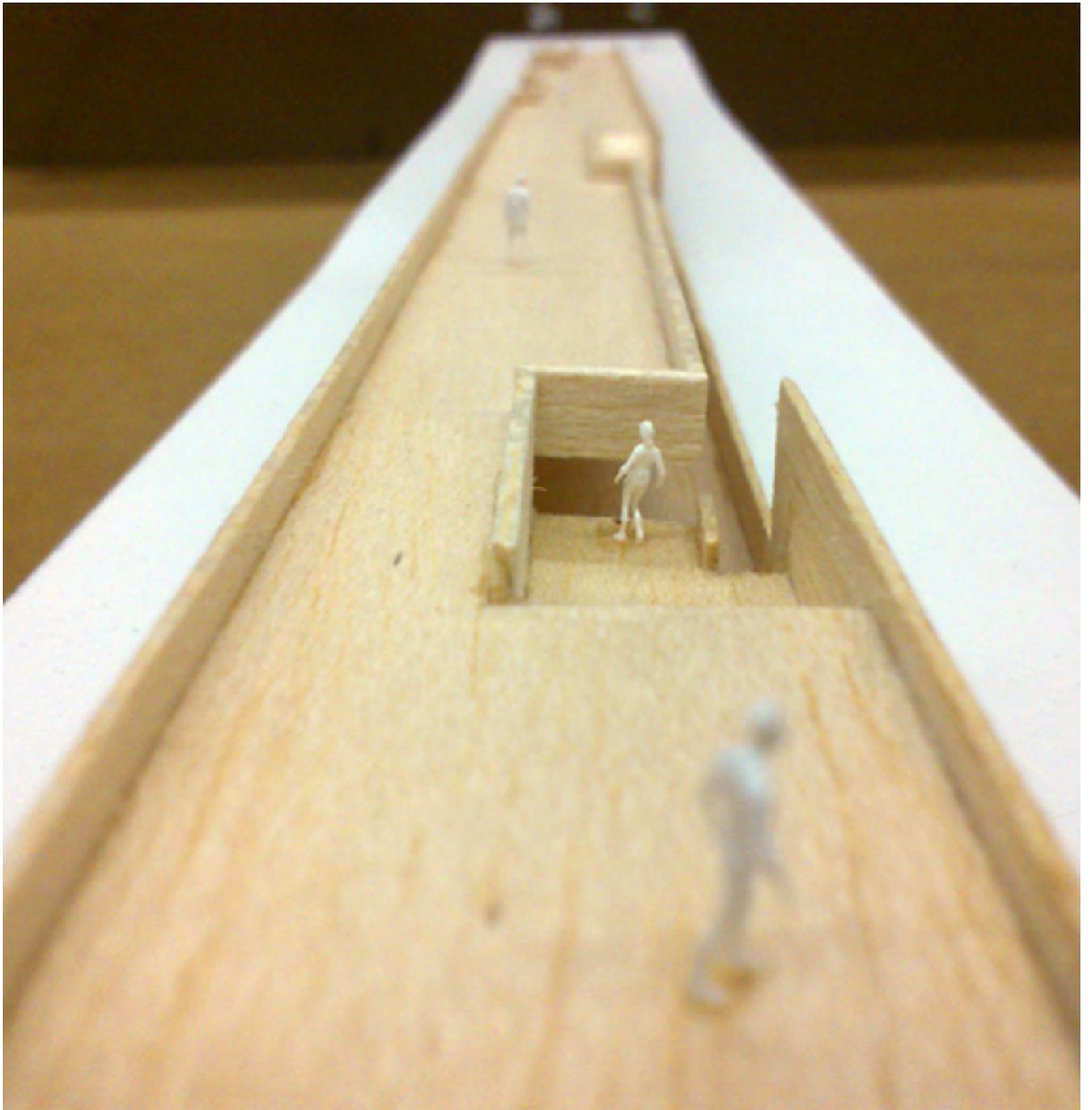


Esquissos de estudo preliminar.

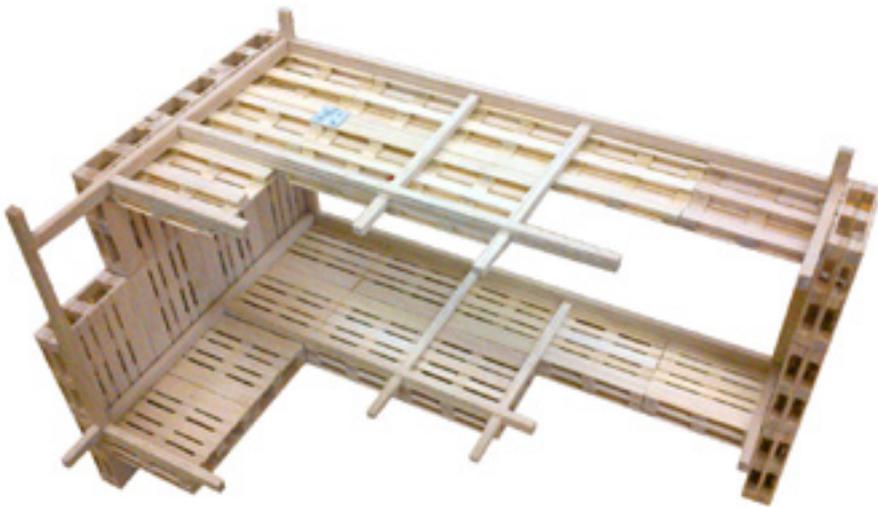
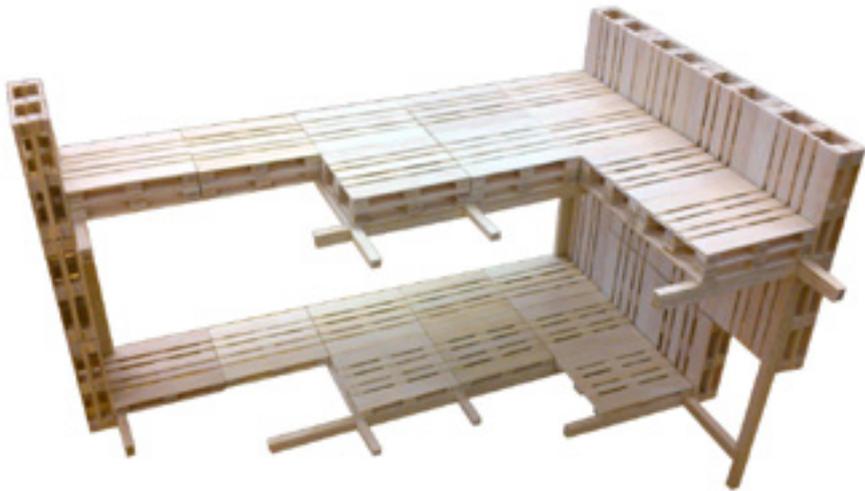












(páginas anteriores) Fotografias das maquetas.

(à esq.) Pormenor da maqueta construtiva.

(em cima e em baixo) Maqueta construtiva.

